

# LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

## Uma trajetória de sucesso – 1927-2011

**Evanildo Bechara**  
**Pres. de Honra da Academia Brasileira de Filologia e membro**  
**da Academia Brasileira de Letras**

Os estudos de Língua e de Literatura no Brasil perderam neste últimos domingo de janeiro um dos seus melhores cultores, cuja aposentadoria e emerência em duas das mais representativas universidades do país não o afastaram do magistério empolgante da sala de aula nem do investigativo magistério silencioso do texto impresso de livros e artigos em revistas especializadas e jornais para o público estudioso.

Para um ativo operário da Cultura só um domingo o deteria da faina de estudar e ensinar mais; o que nos deixou ficará para nos incentivar a estudar mais e a ensinar melhor.

Seu percurso acadêmico cedo prenunciou a trajetória rica de sucessos. A influência inicial de professores como Quintino do Vale, Clóvis Monteiro e Tasso da Silveira foi decisiva para que jovens ginasianos do Pedro II e depois universitários escolhessem os estudos de Língua, de Literatura e de Didática; nestes grupos estavam Leodegário e seus diletos companheiros Jairo Dias de Carvalho, Olmar Guterres da Silveira e Niel Casses. Depois o jovem Leodegário aumentou a plêiade de mestres que vieram burilar os conhecimentos já alicerçados e ampliar os campos de estudo e de pesquisa: Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara, Sílvio Elia, Celso Cunha, além de muitos estrangeiros com quem a geração a que pertenceu alargou e aprofundou os pendores. A sua aproximação aos cursos de Mestrado e Doutorado oferecidos pela UFRJ, tendo à frente Afrânio Coutinho, Eduardo Portella e Thiers Martins Moreira, foi fundamental para que sua atividade na área literária se mostrasse mais efetiva do que na área da língua, embora seu orgulho firme no domínio da Filologia e da Crítica Textual representasse permanente elo entre estas disciplinas.

Como professor titular de Literatura Portuguesa da UERJ, procurou repetir a difícil e engenhosa perícia dos antigos catedráticos para escolher, entre seus alunos mais promissores, aqueles que, na carreira universitária, poderiam continuar as matrizes ideológicas da sua cadeira no contexto da instituição e enriquecer a disciplina com o progresso que vinha para dar novos e maturados frutos. Nesta posição, Leodegário foi responsável por um grupo largo de discípulos e alunos, que hoje ocupam lugar de relevo no magistério universitário dentro e fora do Rio de Janeiro e do país.

Autor de uma extensa obra científica e crítica de escritores portugueses e brasileiros, a que se juntam namoros furtivos no campo da prosa ficcional, da poesia e da música, debruçava-se há muito no rico legado deixado por Emanuel Pereira Filho,

tão prematuramente roubado ao campo do magistério e da investigação das letras sobre o intrincado e difícil problema de fixação e edição do cânone da lírica de Luís de Camões, atividade que mereceu o apoio de Portugal, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, para publicação, sem ter esgotada a empresa, dos seis primeiros volumes distribuídos em oito tomos.

A Academia Brasileira de Filologia, fundada em 1944 pela iniciativa de professores do Colégio Militar e do Colégio Pedro II, tendo à frente Altamirano Nunes Pereira, congregava como sócios-fundadores e sócios-correspondentes o que havia de mais representativo na área da Filologia e da Linguística no Brasil. Esta instituição, ideada para desenvolver estudos superiores da Língua Portuguesa, sob a presidência de Sousa da Silveira, conheceu operosa existência até 1982, quando faleceu o professor Cândido Jucá (filho), seu presidente à época. A partir daí, quase se extinguiu, não fossem os esforços de seus poucos frequentadores, que, para garantir-lhe permanência, elegeram como presidente, primeiro Antônio Houaiss, e depois Antônio José Chediak. Todavia o prestígio dos dois eminentes filólogos não conseguiu devolver à ABRAFIL seus anos dourados. Foi quando o espírito de luta e de tenacidade de Leodegário chamou a si a restauração da instituição, que voltou a gozar do antigo prestígio, embora as condições da vida moderna tenham até agora impedido que associados e assistência repitam as antigas sessões, apesar do brilho das comunicações, para um público interessado. Pelo esforço de Leodegário e de sua prestimosa equipe, a instituição recobrou alento para garantir sobrevivência por mais anos.

A voz do velho Nascentes, metamorfoseada em Titã, dizia que as dificuldades foram feitas para serem esmagadas. Leodegário pertencia a esta grei de titãs, e em tudo de que fazia parte queria ser a mais denodada figura; neste empenhamento ganhou numerosos adeptos, mas não lhe faltaram alguns dissidentes.

Em toda essa fatigosa, mas brilhante larga jornada, Leodegário contou com a presença de Ilka, sua amorosa esposa e conselheira rigorosa, que lhe vigorou as forças, lhe adoçou a existência com uma bela família e lhe amenizou os momentos difíceis que afligem a nossa triste condição humana.

(In Jornal de Letras, ABL, n.º 151, março de 2011, pág. 8)